

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
DJALMA PAIVA DE ABREU**

**A VERDADE COMO FINALIDADE DO PROCESSO
EDUCACIONAL EM TOMÁS DE AQUINO**

Juiz de Fora
2021

DJALMA PAIVA DE ABREU

**A VERDADE COMO FINALIDADE DO PROCESSO
EDUCACIONAL EM TOMÁS DE AQUINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles.

Juiz de Fora
2021

ABREU, Djalma Paiva de. **A Verdade como finalidade do processo educacional em Tomás de Aquino.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles (UniAcademia)
Orientadora

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)

Prof.^a Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 01/12/2021.

A Clarice, mais nova dádiva de Deus em
minha vida, no seu nome estendo a todos
da minha família à qual sou grato por tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Suma e Eterna Verdade, que não obstante a minha indignidade olhou-me com misericórdia e derramou o seu amor em minha vida.

A intercessão maternal da Virgem Maria, que me leva debaixo do seu manto de amor e proteção desde o primeiro instante da minha existência. E igualmente, a Santo Tomás de Aquino pela inspiração e fortaleza neste trabalho.

À minha família por todo apoio nestes árduos anos, em especial minha irmã Tacila minha força nas maiores dificuldades.

Ao Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, por acolher-me e proporcionar a possibilidade da experiência filosófica e crescimento humano-espiritual.

Na pessoa da minha orientadora e coordenadora do curso, Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, agradeço aos meus professores e ao Centro Universitário Academia pelo comprometimento e zelo por uma formação de qualidade.

Enfim, aos meus amigos e demais pessoas que de alguma forma contribuíram para que eu conseguisse vir a findar essa jornada.

A fidelidade ao homem exige a fidelidade
à verdade, a única que é garantia de
liberdade e da possibilidade dum
desenvolvimento humano integral.
Papa Bento XVI

RESUMO

ABREU, Djalma Paiva de. **A Verdade como finalidade do processo educacional em Tomás de Aquino**. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo refletir sobre o conceito de Verdade, abordado na perspectiva de finalidade do processo educacional, conforme o filósofo medieval Tomás de Aquino compreende-o. Buscou-se investigar como formou-se a problemática da Verdade para o homem e as duas vias de compreensão dessa para o pensador em questão, concluindo com o ideal educacional como ferramenta para contemplação da Verdade. Para tanto, as questões disputadas, ***De Veritate*** e ***De Magistro***, e a obra **Suma contra os gentios** foram de fundamental importância para elaboração e desenvolvimento do tema. Assim, todo o trabalho investigativo pautou-se nesta problemática: Tendo em vista que conhecer a Verdade é a maior necessidade da alma humana, como deve ser o processo educacional na filosofia tomasiana? O caminho metodológico seguiu o esquema: primeiramente, abordou-se o panorama histórico sobre as origens das interpelações existenciais do homem desde que se tem relatos, visando compreender como constituiu-se a intelectualidade medieval, período que o autor viveu. Em um segundo momento, foram explanadas a conceituação do que é compreendido por Verdade para Tomás de Aquino, dando ênfase a teleologia como norteamento de todo o seu arcabouço filosófico. Termina-se apresentando a filosofia da educação tomasiana como uma metodologia educacional de grande valia para pensar a formação humana integral no século XXI.

Palavras-chave: Verdade. Processo Educacional. Tomás de Aquino. Educação Integral.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to reflect on the concept of Truth, as understood by the medieval philosopher Thomas Aquinas, approached from the perspective of the purpose of the educational process. The investigative way about how the problematic of Truth for man was formed and the two forms of understanding it for the thinker in question, lead us to the educational ideal as a tool for contemplating the Truth. Therefore, the disputed questions *De Veritate* and *De Magistro*, and his work **Suma against the Gentiles** were of fundamental importance for the elaboration and development of the theme. Thus, all the investigative work was based on this issue: considering that knowing the Truth is the greatest need of the human soul, what should the educational process be like in Thomasian philosophy? The methodological path followed this scheme: first, the historical panorama on the origins of the existential questions of man was approached since there are reports, aiming to understand how the medieval intelligentsia was constituted, the period in which the author lived. In a second moment, the conceptualization of what is understood by Truth for Thomas Aquinas was explained, emphasizing teleology as a guide for its entire philosophical framework. It ends by presenting the Thomasian philosophy of education as an educational methodology of great value for thinking about integral human formation in the 21st century.

Key-words: Truth. Educational Process. Tomas Aquinas. Integral Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	SABEDORIA: NECESSIDADE PRIMÁRIA DA ALMA HUMANA	11
2.1	FILOSOFIA: ELEVAÇÃO DO HOMEM.....	12
2.2	A SABEDORIA CRISTÃ.....	15
2.3	TOMISMO: SABEDORIA DA CRUZ E DOS HOMENS.....	18
3	VERDADE: FINALIDADE DO HOMEM	22
3.1	TELEOLOGIA TOMISTA.....	23
3.2	A VERDADE NO TOMISMO: LÓGICA E ONTOLÓGICA.....	26
3.3	A CONTEMPLAÇÃO DA VERDADE.....	30
4	EDUCAÇÃO: CAMINHO PARA A VERDADE	33
4.1	ALUNO: INTEGRANTE PRIMORDIAL DA ARTE DE APRENDER.....	34
4.2	A OBRA <i>DE MAGISTRO</i> E A RELAÇÃO ALUNO E PROFESSOR.....	37
4.3	O MESTRE: CONHECEDOR DA SABEDORIA E DO ALUNO.....	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

É perceptível que o homem do século XXI segue, de modo mais ou menos consciente, um relativismo absoluto, não porque este seja alheio às grandes elaborações filosóficas de seu tempo, mas porque o mundo jamais experimentou um número tão grande de pessoas interessadas em entender a si e a realidade. Contudo, a Verdade que deveria ser o fundamento e aspiração da sua existência é substituída por contestações, contradições, sofismas e adulterações (SPROVIERO, 2011).

Essa conjuntura social é fruto dos últimos séculos, que deve seu início ao período moderno, no qual há uma exclusão da transcendência do humano no divino. Os primeiros passos dados pelos filósofos modernos no projeto antropocêntrico levaram rapidamente à elaboração de diversas propostas em todos os âmbitos da vida humana para uma nova sociedade, permitindo-se afirmar que a modernidade foi um duro rompimento na história (GARDEIL, 2013a).

O problema maior causado pela diversidade de propostas, tendo como única linha geral o homem como a medida de todas as coisas, é a falta de um horizonte existencial superior que seja uma luz para a vida humana plena. Assim, analisando pelo prisma pedagógico, o educar torna-se arriscado e de múltiplas ideias e, como tratamos de um ser humano nenhuma vida, pode ser causa de experimentos educacionais que possam atrapalhar o uso perfeito de suas capacidades psíquicas, físicas e espirituais.

Logo, este trabalho busca reavivar, nos dias atuais, a filosofia da educação cristã de Santo Tomás de Aquino. Partir-se-á do seguinte problema: **Tendo em vista que conhecer a Verdade é a maior necessidade da alma humana, como deve ser o processo educacional na filosofia tomasiana?**

Para o Aquinate, o processo de conhecer a Verdade é dinâmico e ativo, dependendo, portanto, do querer do aprendiz e da sua centralidade no processo. Contudo, é necessário que o professor esteja bem preparado e impulse a vontade do aluno para cada vez mais desejar aprender. Assim sendo, este trabalho tem por objetivo refletir sobre as contribuições do pensamento tomasiano para a formação humana na atualidade. Tendo como base a relação existente entre desejo por conhecer a **Verdade** e a **educação** e como hipótese de trabalho, postula-se que a noção de Verdade é o horizonte que deve nortear o processo educacional, sendo tarefa do educador guiar o aluno de maneira correta nesse caminho.

O desenvolvimento do trabalho dividir-se-á em três partes, a saber: **Sabedoria: Necessidade primária da alma humana**, tem por objetivo descrever como se formou a noção de Verdade para o homem medieval, já que o pensamento de Tomás de Aquino é fruto da relação entre a filosofia grega e a sabedoria judaico-cristã; **Verdade: Finalidade do homem**, visará apresentar a concepção de Verdade de Tomás de Aquino a partir de suas influências filosóficas e da sua obra *De Veritate*, a qual pretenderá demonstrar que para o autor contemplar a Verdade é o sentido existencial do ser humano; **Educação: Caminho para a Verdade**, tem por intento refletir sobre a filosofia da educação do autor, tendo por base o obra *De Magistro*, além do mais, buscar-se-á analisar a relação entre contemplar a Verdade e a problemática educacional nos dias atuais.

Dentre as obras do próprio Tomás de Aquino, destacar-se-á como bibliografia principal: **Verdade e Conhecimento** (2011), em especial a obra *De Veritate* e *De Magistro*, componente da obra Filosofia da Educação de Sto. Tomás de Aquino (1935). Já como bibliografia secundária adotaremos a **Suma contra os Gentios** (2017).

Como obras complementares para embasamento histórico do filósofo, **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**, de Giovanni Reale e Dario Antiseri (1990), **História da Filosofia cristã: Desde as origens até Nicolau de Cusa**, de Philotheus Boehner e Etienne Gilson (1970), também de Etienne Gilson a obra **A Filosofia na Idade Média** (2013). Far-se-á uso da coleção **Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino**, de Henri-Dominique Gardeil (2013). Além do mais, lançaremos mão do **Dicionário de Filosofia de Cambridge** (2006) e de artigos em sites especializados para esclarecer questões referentes à aplicabilidade do filósofo na atualidade.

Não temos a pretensão de esgotar o tema, nem tampouco dar um tratamento exaustivo de modo a esgotar suas possibilidades interpretativas. Todavia, o tema proposto faz-se necessário e extremamente atual, pois o problema educacional está relacionado à vida humana, em especial na era da globalização na qual tem uma série de informações que chegam ao sujeito e esse tem a difícil tarefa de distinguir a veracidade e utilidade de cada informação.

Por fim, vale ressaltar que será adotada a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo que permitirá a elaboração de um texto narrativo autoral etnográfico. Para isso usaremos de livros e artigos científicos com o intuito de preparar a resolução e a sistematização textual do tema proposto.

2 SABEDORIA: NECESSIDADE PRIMÁRIA DA ALMA HUMANA

Desde muito cedo, percebeu-se que os seres humanos diferem-se dos outros seres vivos por uma característica especial e ímpar: a condição de conhecer a si e o mundo ao seu redor. Esta capacidade será entendida como algo natural no ser humano, como parte da sua identidade, que transcende a historicidade e as particularidades de cultura e religião.

Para Aristóteles, no início da obra *Metafísica*, esta condição natural do homem é entendida como o desejo pelo filosofar, elemento natural e inato de seu Ser, tendo por único objetivo o saber desinteressado. Esta disposição natural é expressa, muitas vezes, pelo espanto ou pela admiração que experimentamos diante das coisas que ainda não são conhecidas por nós e que queremos compreender (GARDEIL, 2013a).

O conhecimento, resultante dessa condição inata, sofre influências do meio social e das subjetividades, sendo necessário ao homem a ordenação de parâmetros para que não se perca da realidade. Historicamente, as sociedades buscaram, na religião e nas artes, fundamentos para seus questionamentos existenciais. Entretanto, este caminho por si só não era capaz de solucionar com profundidade o problema.

Os povos habitantes do Oriente Antigo exemplificam essa dificuldade ao se caracterizarem por ter uma “sabedoria” que buscava interpretação do sentido geral das coisas sem preocupar-se com objetivos pragmáticos. Contudo, esta sabedoria continha muitas representações fantásticas e míticas, o que a assemelhava mais com a religião, com a poesia e com a arte (REALE; ANTISERI, 1990).

Com a evolução das sociedades, conseqüentemente, evolui a forma de pensar a religião e a relação do homem com o transcendente. Isso é perceptível na Idade Média, período fortemente marcado pela busca da sabedoria através da racionalidade e, também, mantendo fortemente a religião como característica essencial. Essa tarefa de harmonização dessas ideias será encargo do monge dominicano Tomás de Aquino, no século XIII.

Para compreender a dificuldade do trabalho realizado por Tomás de Aquino, lemos sobre a sua filosofia: “Não se alcançará uma compreensão adequada de fato do pensamento de São Tomás a não ser que se levem em conta as condições concretas de sua formação e da maneira pela qual ela foi expressa” (GARDEIL, 2013a, p. 25). Por isso, será preciso um aprofundamento nas duas vertentes culturais que formaram o homem medieval: a filosofia grega e a sabedoria judaico-cristã.

2. 1 FILOSOFIA: ELEVAÇÃO DO HOMEM

A sociedade contemporânea é marcada por diversos traços culturais, advindos de povos que, de alguma maneira, participaram da sua constituição, como o Ocidente, por exemplo, que herdou do Antigo Império Romano as ideias fundamentais para a constituição de suas noções de direito e de justiça. Essas contribuições marcam a história de tal maneira que transcendem a sua época e influenciam a forma de estruturar a vida social das futuras civilizações.

Decerto, a sociedade helênica¹ é detentora da paternidade de uma revolução no mundo antigo, em se pensar diversos campos de estruturação da vida humana, como a ordem cosmológica, o que é o ser humano e sua relação com uma possível transcendência em um Ser divino. Por ser uma proposta original e distintiva das demais em sua época, os gregos chamaram-lhe, por um nome único e peculiar, filosofia. Conforme esclarece os autores:

Seja como termo, seja como conceito, a filosofia é considerada pela quase totalidade dos estudiosos como criação própria do gênio dos gregos. Efetivamente, enquanto todos os outros componentes da civilização grega encontram correspondência aos demais povos do Oriente que alcançaram nível elevado de civilização antes dos gregos (crenças e cultos religiosos, manifestações artísticas de várias naturezas, conhecimentos e habilidades técnicas de diversos tipos, instituições políticas, organizações militares etc.), já no que se refere à filosofia nos encontramos diante de um fenômeno tão novo que não somente não encontra uma correspondência precisa junto a esses povos, mas não há tampouco nada que lhe seja estreita e especificamente análogo (REALE; ANTISERI, 1990, p. 11).

A filosofia, primeiramente, é fruto do mesmo movimento interior que há em todos os homens independente de suas particularidades, como exposto acima. Como os outros povos, o homem grego deseja a sabedoria, sente-se naturalmente impelido a buscar as respostas sobre quem ele é, qual sua origem e fim último. Entretanto, o que difere a filosofia das outras sabedorias antigas é o seu conteúdo, método e finalidade.

¹ Entende-se por sociedade helênica a região geográfica que abrange o sul da península Balcânica, ilhas do Mar Egeu e o litoral da Ásia Menor, intitulada também como a Grécia Antiga. Segundo o Dicionário de Filosofia de Cambridge (2006, p. 387): “Esta época foi uma daquelas na qual grande parte do mundo situado no Mediterrâneo oriental assimilou a cultura grega (foi ‘helenizado’, donde ‘helenística’), e calouros de filosofia afluíram em multidão a partir desta região para Atenas, que continuou sendo o centro da atividade filosófica até 87 a.C. Naquela época o saque de Atenas pelos romanos forçou muitos filósofos a partirem para o exílio, e nem as escolas nem os estilos de filosofia até então desenvolvidos ali nunca mais voltaram a ser o que haviam sido antes”.

Por conseguinte, a sabedoria grega é elevada, sua finalidade não se reduz a problemas de ordem prática ou soluções materiais. O objetivo do filosofar é o puro desejo de conhecer e contemplar a Verdade². Ela, por si mesma, é o prazer desejado pelo sujeito que a possui. Essa posse sobre a sabedoria – posse essa que nunca é plena, mas sempre um processo – é seguida pela via da racionalidade total, é a razão que, comum a todos os homens, oferece a cientificidade para o conhecimento filosófico. E, dessa maneira, o conteúdo da filosofia é universal, debruça-se sobre a totalidade das coisas, não excluindo assim nenhuma parte ou momentos dela (REALE; ANTISERI, 1990).

Outrossim, a filosofia grega é criada através de um processo gradual e de múltiplos agentes que se estabelecem tendo por duração o período de um milênio, denominado posteriormente como filosofia antiga, ou seja, o pensamento essencialmente fruto da sociedade helênica. Inclusive, este período pode ser classificado em categorias quanto às suas correntes mais comuns em determinado tempo.

Os três primeiros séculos têm por cerne o estudo das realidades físicas e a constituição existencial do homem. Inicialmente, a preocupação dos gregos foi em entender a ordem da estrutura natural, sua questão principal era delimitar o início da existência da vida, estes são os “pré-socráticos”. Na medida em que avançou a filosofia, a questão de investigação transferiu-se para o homem, a partir da compreensão que esse também integra a ordem natural e diferencia-se dos demais seres vivos. Este novo momento será marcado pelo embate entre a retórica sofística e a de Sócrates.

É digno de detalhar neste trabalho um novo horizonte que surge na filosofia a partir do século IV a. C.. Pelo estudo da natureza e da constituição do homem, foi percebido que os próprios elementos físicos não são capazes, por si mesmos, de fornecer uma explicação bastante razoável da causa das coisas. O precursor deste movimento é Platão que, utilizando da figura de Sócrates em seus diálogos, buscava sustentar a necessidade de uma realidade que está para além da natureza e sua materialidade, a metafísica.

² As palavras “verdade” e “sabedoria” serão utilizadas neste trabalho em sentido comum, enquanto realidade que transcende o homem e ao mesmo tempo constitutiva do seu desejo racional. Não é nosso objetivo atar-nos a diferenças etimológicas.

Esta nova maneira de filosofar é mais profunda e complexa, ao se fundamentar nos raciocínios lógicos em detrimento de análises sensoriais e pessoais como eram feitas pelos pré-socráticos. Uma forma de compreender a metafísica é através da definição do Belo, conforme lemos:

Desejamos explicar por que certa coisa é bela? Ora, para explicar esse “porquê” o naturalista invocaria elementos puramente físicos, como a cor, a figura e outros elementos deste tipo. Entretanto – diz Platão – não são essas as “verdadeiras causas”, mas, ao contrário, apenas meios ou “con-causas”. Impõe-se, portanto, postular a existência de uma causa ulterior, que, para constituir verdadeira causa, deverá ser algo não sensível mas inteligível. Essa causa é a Ideia ou “forma” pura do Belo em si, a qual, através da sua participação ou presença ou, de qualquer modo, através de certa relação determinante, faz com que as coisas empíricas sejam belas, isto é, se realizem segundo determinada forma, cor e proporção como convém e precisamente como devem ser para que possam ser belas (REALE; ANTISERI, 1990, p. 135).

Com a metafísica platônica é inaugurada na sabedoria grega a relação de transcendência das coisas materiais: o que era perceptível ao homem ao olhar para si e para a natureza ao seu redor, deve ser entendida como apenas a aparência de uma realidade superior e perfeita. Dessa forma, buscar a sabedoria para os gregos era aprender as ideias universais como o Belo em si, o Uno, a Verdade e o Ser.

A inovação platônica seria sistematizada por Aristóteles, para quem a filosofia tem por primeira motivação a busca da causa primeira através da determinação de conceitos universais e autoevidentes. A metafísica aristotélica é fundamentada na noção de que a realidade deve ser entendida pela compreensão das suas quatro causas: formal, material, eficiente e final (REALE; ANTISERI, 1990).

A forma de pensar a realidade, através da relação causal, é bastante interessante, porque ordena parâmetros para a metafísica. Platão é o pioneiro na introdução do metafísico na composição da realidade, mas não conseguiu definir como seria o caminho entre o físico e o extra físico. Essa tarefa é contribuição do aristotelismo.

Enfim, a originalidade da filosofia grega está na descoberta da possibilidade de aproximação ao todo da realidade, fazendo uso da razão e do método racional. Essa descoberta condicionou estruturalmente a formação do Ocidente (REALE; ANTISERI, 1990). Ela tem o valor meritório de elevar os desejos naturais do homem a seu próprio domínio, através da consciência que o conhecimento se adquire pela via universal da

razão. A outra grande cultura que formou a intelectualidade medieval é a judaico-cristã, guiada pela visão da fé enquanto o caminho para o homem integral.

2. 2 A SABEDORIA CRISTÃ

Se o homem é programado em sua essência para desejar a sabedoria, conforme visto anteriormente, este mesmo homem compreende que nem todas as respostas que anseia são descobertas inteiramente pela pura racionalidade. Por isso, a noção de transcendência, oferecida pela metafísica platônica-aristotélica, é, na Idade Média, elevada a uma característica sobrenatural no encontro com o cristianismo nascente.

O cristianismo em sua essência é uma religião, porque sua principal motivação é uma mensagem de salvação baseada na fé. “Enquanto mensagem histórica da redenção – com as exigências morais, ascéticas e religiosas que a acompanham – o cristianismo não pode ser tido por uma filosofia; ele é e permanece uma religião” (BOEHNER; GILSON, 1970, p. 13). Contudo, em aspecto secundário, ele oferece conteúdos para a reflexão filosófica que, no medievo, ganharão enormes proporções, ao ponto de definir as questões de discussão na sociedade.

Em algumas correntes filosóficas da contemporaneidade, é suscitada a discussão se o pensar cristão pode ser caracterizado como um ramo da filosofia ou apenas como ensinamentos religiosos que, em determinados assuntos convergem com um olhar comum de crentes e não-crentes. E mais, se essa possível filosofia cristã, difere-se do entendimento de sabedoria dos povos mitológicos antigos. A definição clareia o que pode delimitar-se:

E' cristã toda filosofia que, criada por cristãos convictos, distingue entre os domínios da ciência e da fé, demonstra suas proposições com razões naturais, e não obstante vê na revelação cristã um auxílio valioso, e até certo ponto mesmo moralmente necessário para a razão (BOEHNER; GILSON, 1970, p. 9).

Dessa maneira, o pensar cristão pode ser considerado realmente filosofia, porque não rejeita suas concepções fundantes, mas abre espaço para a reflexão racional dos seus dogmas. E, igualmente, difere-se das religiões politeístas antigas por reconhecer, na realidade e na sabedoria humana, um grau de Verdade e perfeição próprias.

A sabedoria cristã é formada por dois momentos diferentes e complementares. O primeiro é baseado na concepção judaica de história, que já contempla conceitos mais claros sobre a ideia de Deus, que não foram abordados pela filosofia grega, mas ainda é muito rudimentar enquanto pensar filosófico. E a segunda fase e definitiva realiza-se a partir da concepção neotestamentária de Jesus Cristo, enquanto plenitude do ser humano.

Esses dois traços do filosofar cristão são fundamentados na Bíblia³ enquanto revelação divina ao ser humano, tendo seu conteúdo principal formado de interferências de Deus na vida pessoal e social, através de milagres com o intuito de uma mensagem de redenção e felicidade eterna, conforme lemos:

Entretanto, embora não sendo uma “filosofia” no sentido grego do termo, a visão geral da realidade e do homem que a Bíblia nos apresenta, no que se refere a alguns conteúdos essenciais dos quais a filosofia também trata, contém uma série de ideias fundamentais que têm uma relevância também filosófica de primeira ordem (REALE; ANTISERI, 1990, p. 377).

Não convém a este trabalho debruçar-se sobre as questões históricas, sociais, econômicas e religiosas que levaram ao surgimento da fé cristã e sua propagação no Ocidente. Entretanto, para uma melhor compreensão da formação intelectual e espiritual do homem medieval e da filosofia tomasiana, é de grande valia entender a novidade de conceitos que a cultura judaico-cristã trouxe à reflexão do mundo.

A doutrina cristã tem seu surgimento dentro do povo de Israel, a partir das interpretações da Escritura hebraica por Jesus de Nazaré⁴. Tendo a Revelação Bíblica, por excelência, como a fonte do conhecimento soteriológico, cosmológico e antropológico, é importante notar que, para o povo de Israel, tudo que se refere a organização social, costumes e formas de culto encontram-se definidos na Escritura.

Para além do exposto acima, os primeiros filósofos cristãos encontraram em partes da Bíblia fundamentação, para problemas não resolvidos pela filosofia grega. “Aliás, tratam-se de ideias tão importantes que não só para os crentes, mas também

³ “Na realidade, a Bíblia não é um só livro, mas uma coletânea de uma série de livros, cada qual apresentando um título e peculiaridade específicas, caracterizada também por extensões diversas dos livros e diferentes estilos literários e relacionais” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 371).

⁴ “A um pequeno grupo de galileus incultos coube anunciar ao mundo a boa nova do aparecimento, no país da Palestina, de um homem extraordinário, chamado Jesus. Nascido de uma virgem, num estábulo de Belém, apresentou-se como Messias anunciado pelos profetas ao povo judeu e a toda a humanidade. [...] Depois de percorrer a Palestina, fazendo o bem e operando milagres, morreu na cruz, dando cumprimento às profecias e resgatando a humanidade pecadora. Ao terceiro dia ressuscitou do sepulcro, demonstrando definitivamente sua divindade [...]” (BOEHNER, GILSON, 1970, p. 12-13).

para os incrédulos a difusão da mensagem bíblica mudou de modo irreversível a fisionomia espiritual do Ocidente” (ANTISERI; REALE, 1990, p. 377). Ideias originárias da fé como a unicidade de Deus, a concepção de criação *ex nihilo* e a Providência pessoal provam a enorme contribuição para a reflexão filosófica da Idade Média.

No entanto, é somente com Santo Agostinho, no século V, que encontramos o primeiro grande sistema de filosofia cristã. Seu pensamento filosófico é um conjunto especulativo orgânico no qual o exercício teórico da razão é reconhecido como legítimo, sem jamais renunciar à fé cristã e a sua necessidade para a vida do homem. Seus escritos são tão valiosos que a filosofia cristã posterior será alicerçada neles (GARDEIL, 2013a).

A obra agostiniana tem sem mérito por dar uma abertura a analisar a bíblia com olhares mais científicos, procurando nela uma solução para os problemas do homem, dividido entre a sabedoria humana e a sua fé pessoal. Dessa maneira, a filosofia cristã relaciona às suas questões, por intermédio de um argumento de autoridade inquestionável e necessário para explicar todos os outros: “Deus ‘é’, independentemente de qualquer condição. E’ fora de dúvida que a exclusividade, a plenitude, a perfeição e a transcendência próprias ao ser divino permaneceram ocultas a Aristóteles e até mesmo a Platão” (BOEHNER, GILSON, 1970, p. 15).

Além disso, enquanto religião, o cristianismo difere inclusive das outras crenças monoteístas no que se refere a pessoa de seu fundador. Para a doutrina cristã, Jesus de Nazaré é a encarnação do próprio Deus e, sendo Deus a própria fonte da Sabedoria, somente é pela fé em Cristo que é possível ao homem a Verdade, a liberdade e a felicidade que deseja. Assim sendo, para a sabedoria cristã o ser humano integral só é realizável em Jesus:

Por isso, ao apelar para uma sabedoria nova e mais profunda, sua intenção não é trazer nova contribuição à filosofia grega, e sim, substituir a ciência puramente humana pela sabedoria salvífica de Deus. Pois a sabedoria cristã é infinitamente superior às débeis especulações humanas. E’ “o próprio Jesus Cristo, o qual por Deus se tornou para nós sabedoria, e justificação, e santificação, e redenção” (BOEHNER, GILSON, 1970, p. 20).

Enfim, a sabedoria cristã, sobrepondo as especulações humanas, pode até ser aceitável para a maioria dos crentes mais fervorosos, mas a ideia de que o conhecimento necessariamente depende da fé não bastará para responder ao

problema daquele que não crê como os cristãos. Diferente da racionalidade, a fé não é uma característica natural e universal em todos os homens.

Por isso, a filosofia medieval passou séculos buscando de um lado não diminuir a importância dos ensinamentos bíblicos e por outro correlacionar a filosofia de Platão e Aristóteles com a sua fé. Assim, pode-se afirmar que, identitariamente, o Ocidente, é, simultaneamente, como filho de Aristóteles e filho de Cristo (BARROS, 2012). Será esse o ambiente dos embates intelectuais que passará Tomás de Aquino.

2. 3 TOMISMO: SABEDORIA DA CRUZ E DOS HOMENS

Se dentro do mundo religioso do judaísmo ficou em conflito com o surgimento do cristianismo, muito mais ficou o Ocidente, quando este último encontrou-se com a filosofia grega. Os intelectuais medievais ficaram tão concentrados em unir essas duas sabedorias que, conforme lemos: “Até os tempos modernos, o pensamento do Ocidente encontrou-se condicionado por um acontecimento maior: o encontro da mensagem evangélica ou da sabedoria cristã com a cultura da Antiguidade” (GARDEIL, 2013a, p. 25).

Esse conflito interno tem sua motivação no fato de que de era inimaginável a possibilidade de renegar a sabedoria da fé vinda da Revelação Cristã, porém era percebido, pela maioria dos cristãos cultos, que muitas noções vindas do pensamento dos gregos ofereciam possibilidade de conhecimento verdadeiro, mesmo que para os cristãos não fossem completas como a mensagem da fé.

O problema de conciliação inicia-se desde o início da difusão da mensagem cristã. No século II, São Justino foi o pioneiro, esforçando-se por precisar os limites e as possibilidades da relação entre a sabedoria pagã, que era muito cara a ele, e a fé, pela qual ele derramará seu sangue. Já no século III, destaca-se Clemente de Alexandria, tendo seu ápice e melhor estruturação com Agostinho, Boécio e Pseudo-Dionísio, no século V (GARDEIL, 2013a).

Dessa forma, a cristandade passou por um movimento gradual e lento que durou mais de um milênio, buscando delimitar até que ponto chegam os limites da razão e onde são suplementadas pela fé. Vale frisar que a grande contribuição de Santo Agostinho, que será formulada até aquele momento, é a melhor relação possível para duas sabedorias. É nas suas obras que percebemos o primeiro grande sistema do filosofar cristão. A assimilação do neoplatonismo feita por ele consiste

principalmente na transposição da teoria das ideias de Platão e situando-as no Ser de Deus, conferindo uma unidade suficiente para o mundo de Platão e para o da Bíblia (GARDEIL, 2013a).

Se por um lado, o platonismo cristão de Agostinho foi benéfico ao colocar definitivamente uma aceitação da filosofia grega no pensamento cristão, por outro colocou a filosofia em grau inferior, dando-lhe o papel de somente ser um degrau que, de qualquer maneira, só seria possível aos crentes e, além disso, a autoridade de um grande filósofo era aceita na Idade Média como deveras importante. De certa maneira, fechou as portas do Ocidente cristão a uma filosofia não dualista de Aristóteles.

É neste cenário que se concentrou toda a intelectualidade medieval até o século XII, quando começa a chegar ao Ocidente traduções das obras aristotélicas, através dos árabes mulçumanos que viviam na península Ibérica. A princípio, a cristandade opõe-se a uma difusão do aristotelismo por considerar divergente com o que até aquele momento a filosofia cristã já havia conseguido produzir. Logo:

A leitura desses tratados, que abriram um mundo novo aos escolásticos cristãos, provocou um verdadeiro entusiasmo. Temos um sinal inequívoco disso na série de interdições das quais ela foi objeto por parte das autoridades eclesiásticas, assustadas por um pensamento aparentemente tão pouco assimilável. O problema que, no fundo, esse acontecimento colocava à inteligência cristã era a escolha entre uma filosofia de inspiração peripatética e outra que até então estava a favor dos teólogos, em que dominava a influência de Platão (GARDEIL, 2013a, p. 29).

Alguns pensadores cristãos debruçaram em buscar pontos de conciliação entre a produção teológico-filosófica feita até então e o aristotelismo. Um grupo de mestres de artes da Universidade de Paris tentaram um aristotelismo de estrita obediência, mas foi rechaçado pelo bispo de Paris, Étienne Tempier. Optando por uma posição intermediária, a aceitação de Aristóteles no Ocidente ficará a cargo de Alberto Magno e Tomás de Aquino.

Tomás de Aquino (1225 – 1274), nasceu no castelo de Roccasecca, na vila de Aquino, no reino de Nápoles. Sua família era de grandes senhores, aliados ao Imperador. Contrário à vontade dos seus familiares que desejavam um grande futuro para ele no Mosteiro de Monte Cassino, aos 19 anos, Tomás de Aquino decide ingressar na ordem dos pregadores – os dominicanos.

Na ordem de São Domingos, torna-se um discípulo querido e ilustre de Alberto Magno, sendo indicado, mesmo ainda jovem, para ensinar na universidade de Paris.

Por sua grandiosa inteligência especulativa, Tomás de Aquino ficou conhecido no mundo intelectual, fazendo ser convidado para participar do Concílio de Lyon, no caminho fica doente e morre com apenas 49 anos. O Aquinate, como foi chamado posteriormente, produziu inúmeros tratados, lições, questões disputadas, sumas e opúsculos. No campo filosófico, três obras são destaques: O ente e a essência, Questões disputadas sobre a Verdade e a Suma contra os Gentios.

A resolução, que Tomás de Aquino oferece para conciliar a sabedoria natural e a sabedoria cristã, é perceber que esse problema é de razão humana. A realidade é que a Verdade é Única e que se mostra de várias maneiras ora pela fé, ora pela razão. Essa mudança da ótica que se pensava o problema anteriormente é sintetizada nas expressões *lumen fidei* e *lumen rationis*:

Originariamente não pode haver e não há senão uma Sabedoria, que é a de Deus. Mas, como há duas ordens, do ponto de vista da criatura (a ordem natural e a ordem sobrenatural), reconhece-se no homem a existência de duas ciências supremas correspondentes (a sabedoria natural e a sabedoria sobrenatural). O que distingue formalmente essas duas sabedorias é a sua luz, lumen: a primeira, a filosofia, está sob a lumen rationis (luz da razão); e a segunda, a teologia, sob a lumen fidei (luz da fé); a filosofia considera verdades enquanto são acessíveis à razão, e a teologia, enquanto reveladas. Disso resulta que, tendo sua luz e, conseqüentemente, seus princípios próprios, a filosofia é uma ciência autônoma e que, remontando à primeira causa, bem merece o título de sabedoria. Contudo, ela permanece inferior à teologia, pois só alcança Deus indiretamente, a partir das criaturas, e sobretudo porque a lumen rationis é menos elevada que a lumen fidei (GARDEIL, 2013a, p. 57).

O problema do conhecimento, que rendeu muitos séculos de controvérsias, é simplificado pelo pensamento de Tomás de Aquino a uma questão que diz respeito mais aos homens do que a própria sabedoria em si mesma. Ainda mais, essa abordagem abre espaço para que o pensamento do Aquinate não seja uma propriedade dos crentes. Ao contrário, é para todos que se deixam guiar pela luz natural da razão, contudo, são Tomás é claro ao dizer que nem tudo será possível compreender sem a luz sobrenatural da fé.

Essa compreensão, tão clara e inovadora para sua época, tem uma razão de ser no fato que a obra de Tomás de Aquino é toda permeada da filosofia aristotélica, inclusive as de caráter estritamente teológico, como a Suma de Teologia. Isso ocorre, porque, desde cedo, ele percebeu, no aristotelismo, uma fonte de conhecimento válido e uma nova forma de pensar os problemas intelectuais sem recorrer ao dualismo platônico. Tanto foi que Tomás passou os seus últimos dez anos de vida comentando

a maioria das obras de Aristóteles. “Contudo, mesmo seguindo conscientemente seu mestre, são Tomás permanece um filósofo peculiar. Seu comentário também exprime seu próprio pensamento” (GARDEIL, 2013a, p. 42).

Essa visão da filosofia tomasiana sobre a possibilidade de haver conhecimento real e confiável somente pela racionalidade dá-nos a possibilidade de hoje poder aprofundar em outros campos do saber, a partir da escola tomista. Pensar a educação, na atualidade, pela via tomista não é uma propriedade do crente, mas de todo aquele que percebe o nexos que há nas ideias de Tomás. Por isso, baseados por essa noção tão cara ao tomismo de que a luz natural da razão é possível a todos sem necessariamente crer ou não crer, resta-nos agora aprofundar no que Tomás de Aquino entende por Verdade, e se é possível alcançá-la.

3 VERDADE: FINALIDADE DO HOMEM

Até a seção anterior, apresentamos a situação histórica, filosófica e religiosa que formou a pessoa de Tomás de Aquino e sua visão da realidade. Além disso, foi possível perceber como o anseio por conhecer a Verdade faz-se presente desde a origem dos povos e como cada sociedade, em recortes espaço-temporais diversos, interpretou essa necessidade do ser humano. Agora, chegamos ao cerne deste trabalho, entender a resposta do Aquinate às duas questões levantadas anteriormente: O que é a Verdade? E é possível alcançá-la?

Para tanto, adentraremos no método usual da epistemologia tomasiana, que são os parâmetros de pesquisa da sua época, fundamentado na autoridade dos pensadores antigos e, com imenso respeito a eles, responder as lacunas ainda existentes nas suas formulações. Este é um processo de continuidade, o fazer filosofia consiste em retornar aos clássicos, lê-los e meditar para depois propor a sua leitura daquele problema e sempre em espírito de agregar ao conhecimento já adquirido pelos que vieram anteriormente.

Essa prática realizada na Idade Média justifica-se primeiro, por um grande respeito pelos textos escritos e a sua raridade, já que ainda não existia a imprensa. Ademais, pela preciosidade das informações contidas neles. São tratados como tesouros a serem explorados com o maior cuidado (GARDEIL, 2013a).

Este adendo inicial tem por objetivo explicitar que sendo Tomás de Aquino um homem a seu tempo, seguiu pelo mesmo caminho para solucionar o problema da Verdade. A sua posição é fruto da sociedade em que ele viveu, marcada por um lado pela influência da teologia agostiniana e por outro, cada vez mais aberta, à filosofia aristotélica que era introduzida ao Ocidente. Sendo, então, sua epistemologia uma conciliação do sistema aristotélico e da visão de Santo Agostinho. Dessa maneira, a nossa exposição seguirá três etapas.

Primeiramente, retornaremos a Aristóteles e à sua noção de finalidade como passo inicial para compreender a temática da Verdade, através da ampliação e releitura realizada por Tomás de Aquino. A partir deste fundamento, será exposto o que é compreendido por verdadeiro e o que autor quer dizer ao afirmar: A Verdade é a adequação da inteligência à coisa. E, para encerrar, será apresentada uma possibilidade de resposta sobre como pode o homem alcançar a contemplação da Verdade pelo exercício das capacidades naturais.

3. 1 TELEOLOGIA TOMISTA

É na perspectiva teleológica que está ancorada a teoria do conhecimento em Tomás de Aquino. Tudo o que há no cosmos tem uma razão de ser, ou seja, tende a um determinado fim. Como ele afirma, na introdução da Suma contra os Gentios, “Assim, cada coisa fica otimamente disposta enquanto se ordena convenientemente para o seu fim, visto ser o fim o bem de cada uma” (AQUINO, 2017, p. 47). Por isso, os seres inteligentes realizam-se, quando suas ações estão direcionadas para sua finalidade.

Vale destacar que a origem e o núcleo da noção de finalidade derivam da filosofia de Aristóteles. Através dos seus estudos sobre o mundo físico, pela observação da natureza, é elaborado o sistema de causas – uma das partes mais significativas de seu arrazoado filosófico, teoria no qual o universo tem razões que explicam seu movimento tanto nos acontecimentos mais simples do cotidiano quanto nos mais complexos.

É possível afirmar que a ideia de causa tem duas significações: uma ontológica, princípio de ser, e outra epistêmica, como princípio de explicação. A causa é princípio de ser como aquilo que as coisas dependem para existir na realidade concreta e, secundariamente, princípio de explicação, porque é o instrumento usado pelo intelecto para a compreensão do que é verdadeiro, sendo as causas o meio eficaz para o conhecimento científico. Desse modo, na filosofia aristotélica, o Saber é conhecer pelas causas: *scientia est cognitio per causas* (GARDEIL, 2013a).

Tendo por parâmetro estes dois sentidos essenciais de causa, Aristóteles buscou determinar qual é a quantidade de razões causais existentes na realidade. Concluiu-se que estas podem ser reduzidas a dois pares de duas causas cada – formal e material; eficiente e final – referentes à realidade, enquanto estática e dinâmica, respectivamente. A finalidade é a mais importante neste conjunto, razão em vista da qual qualquer ação se produz. Como demonstra São Tomás:

Ainda que para algumas coisas a final seja a última em relação ao ser, em relação à causalidade ela é sempre primeira. Assim, ela é dita “causa das causas”, porque é causa da causalidade eficiente, tal como foi dito. A eficiente, por sua vez, é causa da causalidade da matéria e da forma. Com efeito, por sua moção, ela dá à matéria ser receptora da forma, e à forma o inerir na matéria. Disso se segue que igualmente a final é causa da causalidade da matéria e da forma (AQUINO, apud GARDEIL, 2013a, p. 341).

Portanto, a final é causa necessária para as demais. Logo, tudo aquilo que existe é movido para uma finalidade que lhe corresponde, não há abertura para o acaso ou a sorte na realidade. O sistema aristotélico é fechado para a desordem; esta quando ocorre, é um resultado excepcional e deve ser entendida como um desvio do fim daquela ação. As diversas temáticas da filosofia são abordadas pelo viés da finalidade, todas as grandes áreas, metafísica, psicologia, política, ética têm um sentido que anterior.

Outrossim, a causa final que está em todas as coisas que existem é entendida por Aristóteles como subordinada a um “fim último” universal. Na linguagem consensual, também é entendida como o bem supremo ou a felicidade (REALE; ANTISERI, 1990). Contudo, o Estagirita defende que esta felicidade a que as coisas aspiram em seu ser não é capturada nos prazeres, nem na honra e, muito menos, na riqueza. É um exercício da pura razão que busca pela mediania das causas este fim, que é alcançado somente quando a vida termina. Conforme esclarece os autores:

O bem supremo realizável pelo homem (e, portanto, a felicidade) consiste em aperfeiçoar-se enquanto homem, ou seja, naquela atividade que diferencia o homem de todas as outras coisas. Assim, não pode consistir no simples viver como tal, porque até os seres vegetativos vivem, nem mesmo viver na vida sensitiva, que é comum também aos animais. Só resta, portanto, a atividade da razão (REALE; ANTISERI, 1990, p. 203).

O homem é feliz, quando na sua vida, busca aproximar-se o mais perto possível do Bem supremo através da constante prática das virtudes, que consiste na mediania como o processo de evitar cair em excessos ou faltas – os vícios. Sendo assim, a teleologia em Aristóteles é um processo no qual o homem não só tem um sentido existencial, mas pode buscá-lo, através do autoconhecimento e da distinção pela razão do que é bom e do que é mau. Pelo aprimoramento do Bem, o homem contempla sua finalidade e, quanto mais próximo dessa, mais sábio ele pode ser.

No livro III da Suma contra os Gentios⁵, Tomás de Aquino trata das coisas enquanto se dirigem para Deus, ou seja, encontram seu êxito na existência divina.

⁵ “Trata-se de uma obra apologética que teria sido escrita a pedido de Raimundo de Penaforte, mestre geral dos pregadores, por ocasião do problema da conversão dos mouros do reino de Valência, recentemente reconquistada pelos cristãos; mas é de notar que os argumentos empregados não visam unicamente os muçulmanos; ‘gentios’ são também hereges, judeus, pagãos ou, em poucas palavras, todos os heterodoxos. Concorda-se em datar o início do *Contra Gentiles* (Contra os gentios) ao fim do primeiro período de ensino do mestre (1258, aproximadamente); a obra seria terminada na Itália em torno de 1263-64” (GARDEIL, 2013a, p. 45).

Dando sequência a explicação aristotélica da finalidade das coisas, ele integrou as ideias de Bem-Supremo e felicidade no conceito de Deus.

Na teleologia tomista, o Bem emana de Deus. Sendo este um Deus Criador, ele faz toda a criação com a potencialidade ao Bem. Desta forma, torna-se natural ao homem o buscar a finalidade que se realiza na tentativa de assemelhar-se, cada vez mais, ao seu criador. Assim, todas as coisas criadas tendem, naturalmente, para Deus por este ser seu fim último e desejam, por natureza, a bondade divina. Logo, para São Tomás a finalidade da criação é assemelhar-se com Deus (AQUINO, 2017).

Dessa maneira, o processo do conhecimento não é criatividade ou invenção, mas aceitação de que não se realiza sozinho o seu objetivo existencial. O Ser de Deus é o modelo de tudo o que existe. Assim, conhecer-me ou conhecer o universo é, de alguma maneira, conhecer o próprio Deus. Como dito no final da seção anterior, há possibilidade do conhecimento para os não crentes, mas se, e somente se, estes se guiarem pela luz natural da razão.

Pois, nem a razão, quando fazemos uso correto dela, tampouco a revelação divina podem levar o homem ao erro, já que as duas têm origem no próprio Deus. O acordo entre a Verdade sobrenatural e a racional gera uma cadeia ininterrupta de relações verdadeiras e inteligíveis, se nosso espírito pudesse compreender plenamente os dados da fé (GILSON, 2013).

Esta semelhança divina, aspiração natural no homem, não se realiza nos bens ofertados nesta vida, nem no próprio homem como o cultivo das virtudes, nem nos bens materiais. O homem é semelhante à divindade, quando contempla a Verdade. Isso é ação distintiva de sua natureza. O homem é feliz, livre e pleno quando encontra a Verdade. Como exposto abaixo:

Se, pois, a felicidade última do homem não consiste nas coisas exteriores ditas bens da fortuna, nem nos bens corpóreos, nem nos bens da parte sensitiva da alma, nem na parte intelectual referente às virtudes morais, nem nas virtudes intelectuais ativas, a saber, na prudência e na arte; de tudo isso resulta que a felicidade última do homem está na contemplação da verdade. Aliás, essa é a única atividade própria do homem, e dela de nenhum modo outro animal participa (AQUINO, 2017, p. 395).

A ideia da finalidade do homem, na contemplação da Verdade, inspira uma consideração bastante significativa no campo antropológico. O homem é considerado integral, quando toda a sua vida, desde as coisas mais simples e cotidianas até as complexas, é considerada pela ótica do verdadeiro. A humanidade encontra sua razão

de ser, quando reflete sobre o seu fim e perpassa todos os atos e decisões, sejam individuais, sejam sociais, tendo a Verdade como a sua medida e norteamento, visto que a finalidade do homem é a contemplação da Verdade. É preciso agora aclarar o que Tomás de Aquino concebe com este conceito, pois esta definição tornou-se conflitante nos últimos séculos, sendo demasiado diferente do que era compreendido na Era Medieval.

3. 2 A VERDADE NO TOMISMO: LÓGICA E ONTOLÓGICA

A humanidade, nas diferentes épocas de sua história, buscou a Verdade como parâmetro de seus atos, necessária para nortear sua existência, que sem ela, se vê fadada à solidão e ao medo. Aquilo que o homem assume como verdadeiro, ou seja, a realidade como ela é, transpõe um sentido existencial e torna-se o fator delimitador de um código moral que visa a manutenção da vida humana. Assim, a Verdade é a força motriz de toda a teia de relações do homem, como a opção religiosa, a vida em sociedade, a liberdade e a sua posição diante dos outros seres vivos.

Entretanto, a Verdade não é um conhecimento estático de fácil alcance. Conhecê-la é fruto do trabalho da inteligência humana, exigindo constantes reflexões, oriundas das mudanças que acontecem no meio social, dependendo dos recortes espaço-temporais. Há diferentes concepções do que seja a Verdade em todas as grandes correntes filosóficas, nos idealistas ou nos pragmáticos, na corrente hermeneuta ou na voluntarista.

Entre elas, a visão do niilismo pós-nietzschiano que dominou os últimos tempos da discussão filosófica retrata, atesta e observa a crise de valores. A Verdade perdeu sua força como lhe era anterior. O Ser, o Uno e a Verdade cederam seu lugar para a não-verdade, o não-ser e o não-uno (SPROVIERO, 2011). Não obstante as divergências, todos nós continuamos a nos questionar: O que é a Verdade?

De maneira semelhante, Tomás de Aquino perguntou-se e tentou responder a essa questão na sua obra *De Veritate*. Das diversas temáticas que compõem esta obra, escrita no primeiro período de docência em Paris (1256 – 1259), a primeira é a que trata diretamente do que seja a Verdade. Sendo composta de 12 artigos tratados

no formato de perguntas⁶, é a sistematização mais clara do que o Aquinate entende por Verdade e como alcançá-la.

No contexto histórico da Idade Média, o conceito de Verdade está intimamente unido à noção de transcendência, atribuições do Ser em si mesmo que estão para além das categorias acidentais⁷. A metafísica medieval definiu três conceitos que reportam imediatamente ao Ser: o uno, o verdadeiro e o bem. O uno é o Ente, enquanto indivisível; o verdadeiro é o Ente, enquanto inteligível, e o bem é o Ente, enquanto apetecível.

Estes conceitos dizem respeito à natureza própria do Ente, sua identidade e substância, haja vista que as formulações metafísicas, oriundas em Platão e Aristóteles, foram relacionadas tão intimamente à fé cristã, que no medievo elas são inseparáveis. Assim, porque se referem ao Ser e sendo a ideia de Deus similar a este, inseriram no campo teológico com muita facilidade, uma vez que:

A constituição do conjunto, que se tornará clássico, dos três transcendentais, uno, verdadeiro, bem, reportados ao ser, somente se dará de fato na filosofia cristã, onde terá também inicialmente uma significação teológica. Uno, verdadeiro e bem, apareceram como atributos do Ser primeiro, que se reportarão a cada uma das Três pessoas da Trindade e dos quais se procurarão vestígios ou os signos nas criaturas (GARDEIL, 2013b, p. 361).

Posto isso, entramos na discussão central do artigo primeiro do *De Veritate*, que busca responder o que é a Verdade. O confronto está se o verdadeiro é totalmente idêntico ao Ente como afirma a primeira objeção: “Agostinho [*Soliloquiorum* II, 5] diz que o ‘verdadeiro é aquilo que é’; mas aquilo que é, é precisamente o ente: portanto verdadeiro significa totalmente o mesmo que ente” (AQUINO, 2011, p. 139); ou se o verdadeiro é uma atribuição, mas não corresponde ao mesmo sentido de Ente, por ser uma banalidade existir duas palavras que exprimem a mesma coisa.

⁶ Artigo I: Que é a verdade?; Artigo II: Se a verdade encontra-se antes no intelecto do que nas coisas; Artigo III: Se a verdade é somente no intelecto componente e dividente; Artigo IV: Se há somente uma verdade pela qual todas as coisas são verdadeiras; Artigo V: Se alguma outra verdade além da primeira é eterna; Artigo VI: Se a verdade criada é imutável; Artigo VII: Se em Deus a verdade diz-se essencialmente ou pessoalmente; Artigo VIII: Se toda verdade depende da verdade primeira; Artigo IX: Se a verdade é nos sentidos; Artigo X: Se alguma coisa é falsa; Artigo XI: Se há falsidade nos sentidos; Artigo XII: Se há falsidade no intelecto.

⁷ A definição das categorias vem da filosofia aristotélica. As categorias são os modos de ser mais universais. São reduzidas a 10 atribuições do Ser. A 1ª é a Substância, o Ser em si mesmo, nesta categoria primária que se encontra os transcendentais. E as outras 9 são ditas categorias acidentais: quantidade; qualidade; relação; lugar; tempo; estado; hábito; ação; e paixão.

Para entender a solução de Tomás de Aquino ao problema suscitado, vale levantar a relação entre Verdade e inteligência. A inteligência é a característica que distingue a alma humana dos seres vegetais e sensoriais. É o instrumento capaz de conhecer o verdadeiro, sendo que o primeiro fundamento do ser é ter sido criado para ascender à Verdade. A constituição humana é diversa dos demais seres vivos, inclusive a vontade e o livre arbítrio são possíveis somente aos seres inteligentes. A capacidade intelectual é o que o homem tem de melhor no seu Ser.

Além disso, na filosofia tomista, há três níveis de intelecto: divino, angélico e humano. O intelecto divino subsiste no Ser do próprio Deus, enquanto o angélico⁸ e o humano conhecem a partir da participação no intelecto divino. Os atos dos animais e plantas são instintivos da sua própria natureza, como a sobrevivência e a perpetuação da espécie.

Assim sendo, o intelecto é o campo do agir do verdadeiro, elemento necessário para a Verdade estabelecer-se. Contudo, ele não é a Verdade. Na filosofia tomista, a Verdade é uma via de mão dupla entre a perfeição do conhecimento, ato subjetivo, e a propriedade objetiva do ser. Conforme expõe o comentador:

O que é, portanto, o verdadeiro? À primeira abordagem, o verdadeiro se manifesta a nós como o fim na direção do qual tende todo conhecimento, isto é, como fim da perfeição da inteligência: conhecemos para possuir a verdade. É sob esse ponto de vista subjetivo que Aristóteles, principalmente, encarou a verdade. Com Santo Agostinho, o doutor por excelência da filosofia do verdadeiro, e com a tradição que se liga ao seu nome, as perspectivas encontram-se invertidas: a verdade aparece sobretudo como um objeto que domina o espírito e que a ele se impõe: nesse sentido, a verdade é inicial e fundamentalmente essa imutável e eterna verdade divina, da qual os espíritos criados participam. Herdeiro dessa dupla tradição, São Tomás se esforçará para conciliar as doutrinas: para ele, a verdade será, ao mesmo tempo, sob diversos aspectos, perfeição do conhecimento, ou verdade lógica, e propriedade objetiva do ser, finalmente reportada a ciência divina, ou verdade ontológica (GARDEIL, 2013b, p. 370).

Portanto, a Verdade implica uma ordem do Ser à inteligência, ordem esta que pode ser subjetiva no intelecto – corrente aristotélica, ou enquanto qualificando diretamente o Ser, como sua propriedade transcendental – corrente agostiniana. Consideremos, de início, na visão aristotélica, a Verdade lógica, ou como perfeição do conhecimento. O intelecto está na Verdade, quando em seu ato é conformado ao

⁸ Na filosofia tomasiana o intelecto angélico é superior ao humano por ordem natural. Diferente do homem que é um composto de espírito e corpo, os seres angélicos são puro espírito o que permite um conhecimento mais direto das causas primeiras. Enquanto o conhecimento humano passa necessariamente pelos sentidos para ser julgado pelo intelecto e posteriormente racionado.

Ser, e o conhecimento verdadeiro é um conhecimento que está em conformidade com o seu objeto. Assim, a Verdade pode ser definida como adequação da inteligência à coisa (GARDEIL, 2013b).

Sobre essa ótica, a Verdade está na inteligência ou na potência de conhecer à medida que essa se conforma à coisa. Tampouco ela pode ser compreendida como simples intelecção ou elemento do juízo. Encontra-se de forma simples em todas as inteligências capazes de distinguir e julgar o que seja a Verdade.

A segunda maneira de manifestação da Verdade, para Tomás de Aquino, é a que descende da tradição cristã-agostiniana. Sobre esta concepção, a Verdade é a propriedade objetiva do ser, ou Verdade ontológica. Ao averiguar o verdadeiro nas coisas ele se ordena a uma inteligência, as coisas subordinam-se, necessariamente, há uma inteligência superior e criadora, o intelecto divino. Assim, a Verdade é a conformidade das coisas à inteligência divina que são dependentes. Já o intelecto humano pode conhecê-las de forma accidental, quando pela razão especula sobre tal coisa.

Vê-se, pois, que estas duas vertentes do agir do verdadeiro não se contrapõem na filosofia tomista. A Verdade é, simultaneamente, não só a adequação do intelecto à coisa que se busca conhecer, como também a participação no conhecimento da Verdade última e ontológica. É esta a solução de Tomás de Aquino para o primeiro artigo do *De Veritate*:

Pois todo conhecimento realiza-se pela assimilação do cognoscente à coisa conhecida, de modo que a assimilação diz-se causa do conhecimento: por exemplo a vista, capacitada para a cor, conhece a cor. A primeira consideração quanto a ente e intelecto é pois que o ente concorde com o intelecto: esta concordância diz-se adequação do intelecto e da coisa, e nela formalmente realiza-se a noção de verdadeiro. Isto é pois aquilo que o verdadeiro acrescenta ao ente, a saber, a conformidade ou adequação da coisa e do intelecto, a cuja conformidade, como se disse, segue-se o conhecimento da coisa: assim pois a entidade da coisa precede a noção de verdade, contudo o conhecimento é um certo efeito da verdade (AQUINO, 2011, p. 149).

Enfim, a Verdade não é um mero conhecimento intelectual de alguma coisa ou um saber quantitativo que permita criar parâmetros para saber quem é mais sábio ou menos inteligente do que o outro. A Verdade é real, é o Ser que fornece a subsistência às demais coisas existentes. Assim, pode ser conhecida através do julgamento consciente e livre da inteligência humana que busca entender determinada coisa da realidade. A busca pela Verdade é a atividade mais própria do ser humano.

Ainda assim, por mais natural e ambicionada seja o possuir, a Verdade, para o homem, depara-se com o problema das múltiplas deficiências da linguagem em que nos exprimimos. Isto é, a Verdade, que é cume do conhecimento do homem e conseqüentemente do Ser de Deus, não nos deixa penetrar totalmente o que ele é. Por mais dedicado e esforçado não consegue abarcar toda a realidade, isto ocorre porque ele: “É infinito e nossos espíritos são finitos; portanto, devemos contemplá-lo de tantos pontos de vista exteriores quanto pudermos, sem jamais pretendermos esgotar seu conteúdo” (GILSON, 2013, p. 656).

Portanto, vimos que o homem é por natureza destinado à Verdade como sua finalidade existencial e que Tomás de Aquino a entende como uma dupla via entre o conhecimento subjetivo e a Verdade objetiva pela participação no Ser de Deus. Para concluir esta seção, será discriminado como o homem alcança o conhecimento verdadeiro a partir de suas potencialidades e capacidades naturais, postas a serviço do seu fim último.

3. 3 A CONTEMPLAÇÃO DA VERDADE

O homem é destinado, então, por natureza, à contemplação da Verdade que se dá a partir do processo de adequação da sua inteligência ao Ser das coisas, sendo constituído capaz de conhecer a Verdade, porque seu existir é fundamentado nela. Diante disso, somos questionados como se realiza esse processo de transcender do conhecimento natural para chegar à posse do verdadeiro.

Dois elementos distintos são fundamentais nesse processo. Primeiramente, a constatação de uma realidade sensível que requer uma explicação racional. Ora, o homem precisa, pela sua própria capacidade, entender o mundo ao seu redor e ser independente para explorá-lo. Contudo, sem limitar ou ignorar que, neste grande sistema, o Ser de Deus continua sendo o topo e diretor das ações humanas (GILSON, 2013). Assim, o exercício da contemplação é uma constante dinâmica entre a vontade humana e a divina, que é concretizada na concordância mútua.

Ademais, Tomás de Aquino mostrará que a contemplação não é uma ação estática do indivíduo, uma passividade perante o Ser verdadeiro. Ao contrário, exige dedicação e trabalho por parte daquele que deseja alcançá-la. Contudo, o fim do homem não é alcançado nos deleites na carne, na honra, na glória ou na riqueza, nem mesmo, nos atos de virtudes morais ou na virtude da prudência e nas artes. O homem

é completo, quando encontra a Verdade que somente pode ser alcançada na participação das realidades suprassensíveis. Conforme lemos:

Esta atividade não se ordena a coisa alguma como fim, porque a contemplação da verdade é procurada por si mesma. Por esta operação o homem se une por semelhança aos seres superiores, porque, entre as atividades humanas, ela é a única que se encontra em Deus e nas substâncias separadas. Por ela, também o homem se aproxima dos entes superiores, conhecendo-os de algum modo. Ademais, o homem é mais que suficiente em si mesmo para realizar esta atividade, porque, para tal, muito pouca precisa das coisas exteriores (AQUINO, 2017, p. 395).

O homem encontra a Verdade, quando a procura como o bem mais precioso da sua existência, entendendo que não é ele a medida de todas as coisas, mas a Verdade que subsiste, independente do seu querer e que constitui a realidade. Dessa maneira, aquele que se coloca a caminho na busca da contemplação da Verdade não deve desejar ou ir por outro percurso diferente dela própria.

Entretanto, o homem é composto de alma e corpo. Logo, ele adquire o conhecimento pela via da atividade sensível. A filosofia tomista, ao sustentar que o conhecimento ocorre na inteligência, não exclui a necessidade das experiências sensoriais. O ser humano precisa, por primeiro, receber as simples apreensões da realidade natural e visível (GARDEIL, 2013b).

Essa composição própria do ser humano, torna-o dependente de um esforço maior de sua parte, já que não é capaz de contemplar a Verdade de imediato como os seres angélicos. Contudo, proporciona o uso maior de suas habilidades e características naturais. Além de que, essa concepção antropológica fortalece a doutrina cristã, para qual o mundo visível não é mau e não deve ser desprezado, como defendia correntes filosóficas e religiosas antigas. Ao contrário, é um campo fértil e importante para que o homem chegue ao conhecimento da Verdade, sendo oferecido pelo próprio Deus como o lugar de preparação, para que administrando com sabedoria sua liberdade alcance a contemplação definitiva da essência divina.

Assim sendo, Tomás de Aquino ao compreender que a Verdade está nela própria e não se encontra em outros bens, ditos da razão inferior, não está a defender a inutilidade do apetite sensível como meio para conhecê-la. O homem deve utilizar da sua natureza para encontrar sua resposta, tudo aquilo que lhe diz respeito é útil nesse processo. Como afirma o filósofo:

Finalmente, é visível que as demais operações humanas para ela se dirigem como para o fim. Com efeito, para a perfeita contemplação é necessária a incolumidade corpórea, e para esta se ordenam todos os utensílios necessários à vida. Também requer a contemplação a tranquilidade sem as perturbações passionais, à qual se chega pelas virtudes morais e pela prudência, bem como a tranquilidade que afasta as perturbações exteriores, para a qual se ordena todo o regime da vida social. E assim, vendo-se bem a realidade, verifica-se que todas as atividades humanas servem à contemplação da verdade (AQUINO, 2017, p. 395).

Assim sendo, a Verdade é alcançada, através das diversas possibilidades que nos são oferecidas pelo próprio cotidiano. Todas aquelas atividades que constituem a essência do ser humano são instrumentos úteis para este intento. Diversas são as maneiras que o homem tem de alcançar seu objetivo pela sua natureza.

Dentre essas diversas atividades humanas capazes de levar o homem à sua finalidade, a educação é, sem sombra de dúvidas, um meio de chegar à contemplação da Verdade. O homem é necessitado de aprender, como sua própria constituição natural o obriga para tanto. Ela é o instrumento que o homem utiliza para a transmissão do conhecimento e consegue concretizar o ideal de Verdade, transformando o ser humano.

Por isso, em seguida, abordaremos a pedagogia tomasiana como uma extensão da preocupação do problema da Verdade. Tomás de Aquino percebe que educar é um caminho necessário para que o indivíduo seja formado, tendo em vista a sua liberdade. É através da educação que o ser humano se prepara para ter condição de exercer a sua humanidade de forma plena e, assim, ser capaz de chegar ao conhecimento da Verdade.

4 EDUCAÇÃO: CAMINHO PARA A VERDADE

O percurso do homem para a contemplação da Verdade é um contínuo e gradual aperfeiçoamento de todas as áreas do seu Ser. Faz-se necessário, então, conceber métodos eficazes que possibilitem a evolução habitual das potencialidades do homem. Por certo, os primeiros responsáveis para que este objetivo se cumpra com maestria são os educadores, pela sua maior experiência de vida, capacitação intelectual e conhecimento da individualidade de seu aprendiz pode incentivá-lo à permanente tarefa de aprender.

Homem empenhado em solucionar os problemas de seu tempo, Tomás de Aquino, dedicou a questão 11 do *De Veritate* para tratar o tema ensino-aprendizagem. Composta de 4 artigos, trata sucintamente do cerne da problemática educacional: como suscitar no homem o conhecimento. Quão valiosa é a filosofia da educação proposta por Santo Tomás que essa questão disputada recebeu, posteriormente, o nome *De Magistro*, sobre o mestre.

É imprescindível evidenciar que o conteúdo exposto, nesta pequena obra, é, na realidade, a vida docente de Tomás de Aquino. O que ele defende e propõe não é fruto de elucubrações de alguém que viveu aparte da realidade educacional e supõe métodos de ensino sustentado em sua fé pessoal, de maneira alguma um homem assim poderia dar um exemplo sólido de filosofia da educação. A realidade e os historiadores mostram o contrário:

Nenhum mestre nos poderá dar noção mais forte da concepção de Sto. Tomás de Aquino, sobre o professor ideal (devotado à verdade, com profunda visão da natureza dos seus discípulos, respeitando-lhes a liberdade, se bem que os protegendo contra o erro) do que ele mesmo, Sto. Tomas, o grande mestre do século XIII (MAYER; FITZPATRICK, 1935, p. 132).

É o próprio Tomás de Aquino o primeiro a praticar a sua filosofia, suas ideias são resultado da experiência acadêmica como mestre na Universidade de Paris (1256-1259 e 1269-1272). Todavia, não é interesse deste trabalho colocar o filósofo como o senhor da Verdade, mas propiciar um diálogo fecundo com seu pensamento.

Para tanto, a exposição terá dois pilares centrais para a discussão pedagógica, tanto na Idade Média, quanto nos dias atuais: O discípulo e o mestre (aluno e professor). É da relação saudável entre estes dois personagens que nasce um ambiente que propicia a descoberta de novos conhecimentos sobre si e a realidade

que nos envolve. Sendo o elemento comum e unificador das duas partes a obra *De Magistro*, que fornece um amplo material para compreender o professor Tomás de Aquino e seu ideal de educação para a formação do ser humano integral.

4. 1 ALUNO: INTEGRANTE PRIMORDIAL DA ARTE DE APRENDER

Como já vimos, o homem, por necessidade natural, anseia pela posse da Verdade. Assim sendo, ele tem, em si, a capacidade de conhecer e, para tal, precisa ser ensinado por outrem. O conhecimento é uma atualização da potência ativa que é concretizada, através da aplicação de metodologia funcional.

Nesse sentido, a filosofia da educação de Santo Tomás adequa-se à valorização do aprendiz como fundamento primordial. O discípulo é o agente do seu processo educacional, a ninguém é dado o poder de impô-lo a Verdade, tem que partir da sua vontade livre, sendo possível apenas ao fator externo incitar a consciência da sua competência para a autoeducabilidade, plasticidade e liberdade. Conforme explicita os comentadores:

Aprender é desenvolver-se por actividade propria. E' actualisar potencias, aumentar capacidades em germen. Aprender é progresso, evolução, desenvolvimento, cujo principal agente é o aprendiz e, em particular, seu intelecto activo. E' um processo de aperfeiçoamento imanente. Nenhum professor pode impô-lo. [...] A actividade pessoal do aluno é essencial ao processo. Nem simbolos, nem palavras, nem qualquer outra abreviação da experiencia real, são capazes de, por si sós, transferir o conhecimento. Tudo, em ultima instancia, depende do próprio aluno (MAYER; FITZPATRICK, 1935, p. 14).

Por conseguinte, o cerne da pedagogia tomasiana é a defesa da educabilidade humana. O aprendiz já é o detentor do conhecimento que ele deseja adquirir, tendo todas as condições, em si, de realizar sua humanidade de forma plena, ele é o único que pode inculcar, nele próprio, o conhecimento. Não é pelo uso da força ou do autoritarismo que um mestre leva seus alunos ao saber, mas é através da experiência real, vivida por cada indivíduo, experiência esta que deve ser prazerosa e entusiasmante (MAYER; FITZPATRICK, 1935).

Para que a educação seja um caminho seguro e firme que leva a plenitude do ser humano, faz-se necessário adotar, na relação social, meios que possibilitem a um processo educacional de qualidade e que incentive o aluno a desejar, por mero prazer, saber o que antes lhe era custoso entender. É pelo estímulo da racionalidade,

mostrando-lhe que é benéfico buscar o conhecimento e ruim ser a ele alheio. Para tanto, é imprescindível um trabalho em conjunto da família e dos órgãos públicos.

Nessa perspectiva, o desejo de aprender é do aprendiz. A ninguém cabe qualquer tipo de poder que seja capaz de omitir-lhe esse direito. Nem o Estado pode legislar orientações e diretrizes educacionais que restrinjam ou dificultem ao aluno a possibilidade do saber. Inclusive, atos políticos que têm por objetivo uma redução de financiamentos educacionais, mesmo por necessidade de corte orçamentário, constitui-se um grave crime à humanidade, uma vez que desprover um ser humano da possibilidade de conhecer é retirar dele a sua marca existencial e característica (SANTOS; LOPES; PRADO, 2012).

Destarte, refletir sobre a pedagogia de Tomás de Aquino, na atualidade, é trabalhar por um conhecimento que eleve a mentalidade do aluno, que o faça refletir sobre os problemas do homem e das suas relações sociais no mundo atual. No entanto, jamais perder de vista o ideal da Verdade que transcende períodos históricos e problemas momentâneos, mas que como são encarados interfere significativamente na realidade. Por isso, dignifica e é direito humano inalienável à educação, o Estado não pode omitir-se na problemática dos direitos educacionais.

Cabe frisar que “O homem não só é susceptível de formação, mas, ainda, dela precisa para dar cunho ou carácter as suas fluidas potencialidades. Qual o poder que permite plasmar e educar o homem?” (MAYER; FITZPATRICK, 1935, p. 24), ou seja, o homem não apenas tem a possibilidade de se formar, como também precisa dela para colocar suas potências em ato. É uma necessidade existencial ser ensinado. No campo antropológico tomasiano, ser educado não é uma escolha que não interfira em nada na capacidade de formação plena do homem. Sem o ensino o homem não é capaz de avançar na plena realização de si mesmo. Aprender é ato básico para todos os homens que desejam a sabedoria:

Conforme a tese de Santo Tomás constitui-se ser humano à medida que conhece. E não se trata de conhecimento aleatório, um amontoado de informações; trata-se de conhecimento que tem em vista a busca pela verdade. As informações devem ser alvo de reflexão, de questionamentos; devem tornar-se degraus sobre os quais o intelecto humano ascende rumo à verdade (SANTOS; LOPES; PRADO, 2012, p. 16).

De igual maneira, a pedagogia tomasiana é marcada pela noção de plasticidade educativa. O ser humano é diferente dos animais, somente ele possui

capacidade de estabelecer novas conexões a partir do raciocínio lógico. Vale frisar que plasticidade é a capacidade de reagir de maneiras diversas a um mesmo estímulo. É a possibilidade da geração de novos hábitos (MAYER; FITZPATRICK, 1935). É uma ação que é única do ser humano. Isto ocorre, porque há uma distinção entre potência ativa e passiva, na qual a primeira pode agir por si mesma e a outra é reação de estímulos extrínsecos.

Nesse sentido, o intelecto, agente humano, educa-se por potência ativa. O homem é portador, em si, da potencialidade. Não é um ser dado ao acaso ou movimentos mecânicos. Isto significa que educar não é adestrar o homem. Não é a repetição de conceitos ou a padronização. Tomás de Aquino preocupa-se com a liberdade do homem, isso é pressuposto para se pensar a educação. Educação humana não é adestramento animal do sistema nervoso, posto que o animal é suscetível de adestramento, através de movimentos reflexos condicionados, não sendo capaz de ser educado, no sentido estrito e humano da palavra.

A causa é que ele não age por si, não tem plasticidade intelectual nem tão pouca liberdade, não sabe integrar a personalidade ou formar o caráter. Assim, o professor é um educador e não treinador de animais (MAYER; FITZPATRICK, 1935).

O animal não pode ser educado em sentido estrito porque ele não age por si mesmo, sua potência não é ativa, o que ele pode fazer é realizar movimentos condicionados. Por isso, o que diferencia o homem dos animais é a potência ativa. Além de a liberdade ser motor para a Verdade, o conhecimento ultrapassa as barreiras do sensorial e da razão inferior e deve levar o homem a contemplar o Bem.

É perceptível que os traços de uma filosofia cristã saltam, na pedagogia tomasiana, sobre a capacidade de se autoeducar, a sede pela Verdade que se opera no espírito livre, a capacidade de gerar novos conhecimentos a cada raciocínio e de desejar incutir nas outras pessoas aquele saber descoberto. Nas diversas vias do pensar, a educação no século XXI, sem sombras de dúvidas, retornar a Tomás de Aquino é uma sábia escolha, que não se prende a uma necessidade de fé, mas natural e plena do homem. Assim sendo:

A educação de fato é aquela que está inclinada por meio da inteligência a buscar a verdade e, assim como um trampolim, saltar rumo à liberdade interior. Em outros significados, a inteligência é o instrumento educacional; a verdade é a liberdade interior, fim último da educação. A liberdade interior está longe de ser uma expressão romântica e de tendência a provocar

suspiros alucinantes; é um caminho árduo, lento, profundamente humano (SANTOS; LOPES; PRADO, 2012, p. 3).

Logo, a arte de aprender é uma relação saudável entre as capacidades naturais do homem, a inteligência, liberdade e as metodologias que tornam este caminho mais prazeroso e eficaz, para que o processo do conhecer a si mesmo seja também a contemplação da Verdade que alimenta a alma e a faz compreender a realidade para fora dos parâmetros subjetivos. Assim, a educação é atividade bela, mas que requer dedicação e vontade de superar a superficialidade de um progresso de aparência fácil.

Na obra *De Magistro*, a divisão dos artigos preocupa-se em delimitar até onde o trabalho do mestre é necessário e a partir de qual momento o discípulo ganha a centralidade do processo de aprendizagem. Será o tempo de aprofundar mais nas palavras do próprio Tomás de Aquino, que com seu jeito sistemático responde a todas as lacunas existentes até então.

4. 2 A OBRA *DE MAGISTRO* E A RELAÇÃO ALUNO E PROFESSOR

A obra *De Magistro* tem nos seus artigos como temática diretiva o conflito epistemológico. Tomás de Aquino participa da grande discussão de seu tempo: como a Verdade é transmitida ao homem. Para além de uma metodologia de ensino, o debate aprofunda a doutrina agostiniana sobre a primazia do Deus Criador como o mestre do homem. Para a filosofia daquele momento, é aceito por unanimidade que Deus é aquele que ensina a Verdade interiormente, mestre interior. Porém, é possível que uma criatura ensine a outra?

Diante disso, ideia do autor nas temáticas de cada artigo é tratar a problemática de forma direta. A dúvida é se o homem não só pode aprender por si mesmo (autodidata), mas também pelo auxílio de um mestre humano. Os artigos são tratados no formato de perguntas: Artigo I: Pode um homem ensinar a outro e ser chamado mestre, ou só Deus?; Artigo II: Pode ou não pode alguém ser chamado o seu próprio mestre?; Artigo III: Se o anjo pode ensinar o homem⁹; Artigo IV: Ensinar é função da vida ativa ou contemplativa?

⁹ O Artigo III: Se o anjo pode ensinar o homem não será abordado neste trabalho. Porque a questão das inteligências angelicais é muito extensa e complexa nas obras de Tomás de Aquino. A não abordagem deste artigo não implica em perda do sentido geral da obra.

Na perspectiva educacional daquele período histórico, não é questionável o fato do ensino, mas se existe ensino humano, isto é, alguém é capaz de causar o saber no outro ou o mestre é apenas um mero estimulador, que retira os obstáculos da atividade pessoal do aluno. A resposta a este problema indica o valor dado à razão humana e a capacidade do homem de desenvolver por seus dons naturais.

A posição adotada por Santo Tomás é positiva a causa do ensino humano. Na sua visão, a aprendizagem é um processo autoeducativo, que independente da via utilizada é um trabalho maior do discípulo do que do mestre. O aluno adquire conhecimento por ato pessoal da vontade, inclusive quando é ensinado por outrem. Logo:

Há, para ele, dois processos de aquisição do conhecimento: 1) – o estudo e a invenção própria; 2) – o ensino por pessoa alheia. O ensino, porém, imita o método de invenção pessoal, levando o aluno a pensar por si mesmo. Logo, quer no estudo pessoal, quer na instrução formal, sempre existe a auto-educação de quem aprende (MAYER; FITZPATRICK, 1935, p. 22).

O homem é o agente do seu processo educacional e tem, por isso, o dever de ser o primeiro interessado na sua busca pelo conhecimento. Na pedagogia tomasiana, a centralidade do processo não é do professor, mas cabe ao aluno ser o protagonista da sua capacitação. É um processo da vontade livre que deseja a Verdade. Contudo, não significa dizer que ele é seu próprio mestre, porque isto cabe, exclusivamente, ao mestre interior, Deus. O homem aprende, a partir do que experimenta pelos sentidos. O conhecimento é um esforço de captar e refletir a sua experiência.

Assim, Tomás de Aquino busca mostrar que o homem é capaz de aprender por si mesmo, mas que não tem o conhecimento nele, mas necessita buscá-lo. No segundo artigo, sobre a possibilidade de aprender por si mesmo, ele defende a educabilidade natural no homem. No entanto, alguém, que com a luz natural da razão, é capaz de chegar a conhecer aquilo que antes era desconhecido. Não pode dizer-se mestre de si mesmo (AQUINO, apud MAYER; FITZPATRICK, 1935).

Então, o ensino humano é possível e necessário para o homem, ele não é sujeito passivo da iluminação divina, mas colaborador ativo no processo de retornar aquele que emana a Verdade. “Agostinho, no livro do Mestre, pelo facto de provar que só Deus é mestre, não pretende excluir o homem do ensino externo, senão apenas reservar a Deus o magistério interno” (AQUINO, apud MAYER; FITZPATRICK, 1935, p. 74).

O homem é capaz de aprender pelas suas próprias capacidades. Todavia, pode aprender através de outrem? Se o ensino é um ato pessoal, é possível transmitir a outro o seu conhecimento? Esta pergunta central do primeiro artigo entra no problema da linguagem e seus limites na transmissão de conhecimento de um homem para outro. A valorização da modernidade para os problemas linguísticos e de símbolos é o retorno do pêndulo da pouca importância desta para a educação medieval.

Tomás de Aquino segue na linha dos pensadores antigos e célebres da sua época. Para ele, a linguagem não tem a centralidade do processo educativo. A ideia dos símbolos como percurso para chegar ao conhecimento das coisas é uma concepção moderna. Sua visão é que o conhecimento é, no objeto em si, que contém os primeiros princípios, a sabedoria é pelo conhecimento dos primeiros princípios e não pelos sinais. Conforme lemos:

O conhecimento das cousas não se efectua em nós pelo dos sinais mas pelo conhecimento dalguns objectos mais certos, quer dizer os primeiros principios, que nos são propostos por certos sinais. Esses principios, aplicamo-los a objectos que antes não conheciamos de um modo absoluto, embora os conhecessemos relativamente, como foi dito no corpo do artigo. O conhecimento dos principios é que efectua em nós a sciencia das conclusões, e não o conhecimento dos sinais (AQUINO, apud MAYER; FITZPATRICK, 1935, p. 71).

Dessa forma, há uma relação entre as palavras e a realidade delas. Tanto a coisa em si, quanto a palavra que se refere a ela têm o mesmo objetivo de adquirir conhecimento pessoal, por exemplo: palavra: copo; a coisa em si é o objeto copo. Para compreender a palavra, recorre-se ao objeto em si, por exemplo: para compreender a palavra copo é preciso ir ao objeto copo. Logo, depois que se compreende, busca-se saber outras coisas. Essa relação da linguagem e da realidade objetável complementam-se. A linguagem é um meio de aprendizagem da coisa em si pelo aprendiz (MAYER; FITZPATRICK, 1935).

A diferença entre a palavra e a coisa a que ela se refere está no fato que a palavra é trabalhada, ou seja, é resumo da experiência real da sociedade, estando carregada de sentido inteligível, enquanto a coisa em si ainda é estado bruto, não trabalhado pelo pensamento. Contudo, a palavra não pode excluir a experiência pessoal do aluno. Desse modo, o professor, ensinando seja pelas palavras ou pelas coisas, não faz senão fornecer os instrumentos com que o aluno há de pensar por si mesmo. Por isso, é possível e válido o mestre humano, pois ele tem a tarefa de

fornecer os fundamentos epistemológicos para o aluno e instruí-lo no caminho correto a seguir.

Sendo o ensino humano exequível, o último artigo do *De Magistro* questiona se ele é função da vida ativa ou contemplativa. Conforme a divisão da época, a vida ativa preocupa-se com as coisas temporais e a contemplativa é a visão da Verdade, imperfeitamente nesta vida e perfeitamente na futura. Por estas razões, pensava-se que a contemplação, por ser mais elevada, é aquela que deveria caber ao mestre. Tomás de Aquino tem uma ideia de educação oposta:

Ora, no acto de ensinar achamos dupla materia, cujo sinal é o duplo acto cumulado pelo ensino. Pois, uma das suas materias é aquilo mesmo que se ensina; outra, a pessoa a quem se comunica a sciencia. Em razão da primeira materia, pertence o acto de ensinar à vida contemplativa, em razão da segunda à activa; mas em razão do fim parece só pertencer à vida activa, porque a ultima das suas materias, em que se atinge o fim colimado, é materia de vida activa. Donde, embora de certo modo pertença à vida contemplativa, no entanto, mais participa (o ensino) da activa que da contemplativa, como do sobredito aparece (AQUINO, apud MAYER, FITZPATRICK; 1935, p. 120).

Enfim, um homem é capaz de transmitir conhecimento a outro e ser chamado mestre, desde que sua afirmação esteja fundamentada nos primeiros princípios, se não estiver a própria razão do aprendiz o chamará a renegar a causa proposta. Buscando compreender e aprofundar os limites do trabalho do professor e as funções do mestre na pedagogia tomasiana, veremos como um mestre pode ensinar o aluno, como ele realiza com maestria o seu trabalho, levando o discípulo a interessar-se pela Verdade.

4. 3 O MESTRE: CONHECEDOR DA SABEDORIA E DO ALUNO

O ensino como tarefa da vida ativa requer pessoas capacitadas para realizar com perfeição sua função. O professor é o homem que guia outros homens na estrada do conhecimento. Ainda que a centralidade do processo educativo é do aluno, sendo agente ativo, voluntário e livre no processo, o mestre deve ser capaz de transmitir com autoridade o conhecimento científico que, até então, foi descoberto e provado pela pesquisa séria e metodológica. Surge, então, a necessidade de refletir quais os limites e deveres do educador, na sociedade do século XXI.

Vale lembrar que, para a filosofia tomasiana, o mestre principal do homem é Deus: “Aquele que, em sua sabedoria, dispôs o Universo, de modo o poder o homem

discernir os problemas, ordenando-os de tal forma que sugiram uma solução” (MAYER; FITZPATRICK, 1935, p. 128). Assim sendo, o mestre (homem que ensina) participa do magistério divino. Seu ofício é uma responsabilidade que está para além do aluno, mas tem valor transcendente, pois tem a tarefa de ser um mestre que torna visível o mestre interior.

Por causa disso, o professor detém para realizar seu magistério a autoridade. Esta é necessária para que o professor realize seu ofício, sendo capaz de manifestar o desejo pela Verdade no aluno. Assim, a autoridade é um meio necessário e pedagógico, para o bom desenvolvimento tanto do aprendiz quanto da experiência magisterial do professor. Conforme explica-se:

A visão de Santo Tomás não implica um autoritarismo. É claro que a figura do mestre está orlada pela autoridade, é intrínseco a sua função. Contudo o mestre não viola os princípios fundamentais antropológicos como a liberdade, o respeito, o próprio processo de aprendizagem. O mestre não infringe a condição humana, ao contrário, está a favor dela. O mestre deve estar a favor da natureza humana e por isto respeitar sua condição. Por condição pode se entender as limitações próprias do homem, por exemplo, para uma criança aprender um determinado assunto é necessário tempo. O mestre não pode exigir aprendizado desconsiderando o tempo, outra coisa poderá ser a idade, um adulto em processo de alfabetização é diferente de uma criança. Aplicar o mesmo método para ambos desrespeita a condição de cada qual (SANTOS; LOPES; PRADO, 2012, p. 11).

Nessa perspectiva, cabe frisar que o exercício da autoridade pelo professor não é contrário à liberdade e primazia do aluno no processo de aprender, mas é um meio necessário para que o aprendiz siga na direção correta. O mestre precisa conhecer as limitações e preferências dos seus alunos, o que os encanta e inspira-os, para usar como meio educativo. O professor precisa estar em sintonia com a vida cotidiana dos seus educandos, já que ele é o referencial de sábio e pessoa dedicada a descobrir a Verdade das coisas. Em outras palavras, o professor precisa desejar envolver-se com o processo de aprendizagem do aluno (SANTOS; LOPES; PRADO, 2012). Não um mero funcionário do conteúdo, mas alguém próximo. Alguém que o discípulo pode confiar, porque sabe que para onde guiá-lo será o mais certo.

Outrossim, o mestre é uma pessoa que, além de ser um intelectual, precisa estar atento às peculiaridades de cada discípulo. O ensinar não pode ser tratado como mais um trabalho como os demais da sociedade, o professor precisa conhecer cada aluno, entender a sua realidade existencial. Jamais constranger, humilhar ou desqualificar, seu encargo é inflamar a vontade do aluno, ser um mediador entre o

conhecimento e a capacidade de conhecer do aprendiz. O professor precisa ser alguém próximo da realidade de seus alunos. Porque:

A posição do professor de auxiliar no processo de aprendizado do aluno não mingua sua importância. A influência extrínseca do professor nada seria sem antes a do princípio interno infundido por Deus. A influência interna é também anterior em relação à influência extrínseca. Sua contribuição fundamental é a de auxiliar o aluno a tornar sua potencialidade intelectual ato (SANTOS; LOPES; PRADO, 2012, p. 13).

A partir disso, é possível, na filosofia da educação de Tomás de Aquino, perceber que há uma clara relação entre o trabalho do professor e o ideal de sábio. Se a função do mestre é auxiliar para tornar a potência intelectual em ato, unir a inteligência do conhecedor com o objeto conhecido, o professor é como homem dedicado à sabedoria. Esse ideal do sábio é explicado pelo autor na Suma contra os Gentios, ao definir que aquelas pessoas, a quem se pode considerar sábias, são movidas por uma dupla missão: Ordenar a conhecer a Verdade e refutar os erros contrários.

O homem sábio é aquele que tem a inteligência para dar ordem às coisas, colocar aquele objeto na direção de seu fim. É alguém que tem a mente voltada para a essência e a razão de ser de determinada coisa (AQUINO, 2017). O mestre é este homem sábio que vê, no aluno, suas qualidades e dificuldades, empenha-se para ir pelo caminho que o leve mais depressa a contemplação da Verdade. O professor é o auxiliar capacitado para ensinar ao aluno a descobrir a Verdade escondida em seu Ser, realizando de maneira concreta, nas diversas instâncias da sua vida a adequação da inteligência à coisa.

No entanto, Tomás de Aquino ressalta que a orientação das coisas é para a finalidade geral da existência, mais do que um simples ensino do que é certo ou errado em determinado assunto. O professor deve guiar o aluno na busca da Verdade última da existência, pois “O nome de sábio, porém, é simplesmente reservado só para quem se dedica à consideração do fim do universo, que é também o princípio” (AQUINO, 2017, p. 47). Assim, mais precisamente, é tarefa do professor fazer o aluno transcender a experiência sensível e, através da reflexão racional, inteligir a Verdade universal que está em parte naquele objeto, à medida que o ofício primário do mestre, é ensinar o aprendiz a desejar e a buscar a Verdade sensível e inteligível, por este ser de cunho existencial, fazendo sempre com o sincero desejo do Bem do aprendiz.

Ademais, cabe a ele uma segunda obrigação, ir à frente, desviando o aprendiz de erros que o coloque na ignorância, limpando os caminhos de ideias que o retirem desse objetivo e o façam errar existencialmente. Como afirma o Aquinate:

Pertence, com efeito, ao que aceita um dos termos contrários refutar o outro, como, por exemplo, acontece na medicina: esta trata da saúde e afasta a doença. Portanto, como pertence ao sábio considerar principalmente o primeiro princípio e discorrer sobre os outros, pertence-lhe impugnar também o erro contrário (AQUINO, 2017, p. 48).

Diante disso, um professor que não alerta seus alunos sobre os perigos da mentira, da omissão, do julgamento sério e verdadeiro dos seus problemas erra na sua missão de mestre, uma vez que a função de refutar os erros contrários à Verdade não é facultativa, mas clara continuação da necessidade de ordenar o aprendiz no caminho da Verdade. O professor não pode calar-se perante falsas ideias, seu trabalho é com vidas as quais têm o direito à plena cidadania e à realização dos seus sonhos e desejos. O sábio não guarda a sabedoria para si, mas cresce nela cada vez que leva outros a contemplá-la.

Afinal, nobre é o ato daquele que conduz o inferior a crescer a tal ponto que se torne maior que o próprio guia. Este é o professor na filosofia tomasiana, o qual não é o elemento principal para o conhecer, mas é necessário na medida em que, estando a frente do aluno, pode instruí-lo, em qual caminho é real e seguro e que o levará em tranquilidade a contemplação perene da Verdade.

A educação é um processo longo e desafiador, que reivindica dos envolvidos no processo uma dedicação exclusiva e desinteressada. No entanto, sua recompensa vale todo o esforço de superar as barreiras e dificuldades impostas seja pelos problemas psicossociais, seja pessoal. O aluno e o professor, sendo cooperadores da mesma empreitada, acabam cada um, à sua maneira e estado, ensinando e aprendendo, porque o percurso do homem a Verdade perpassa as relações humanas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática inicial que motivou este trabalho foi a seguinte: Tendo em vista que conhecer a Verdade é a maior necessidade da alma humana, como deve ser o processo educacional na filosofia tomasiana? É notório que estes dois pontos essenciais, deste trabalho, a ideia de Verdade e o processo educacional para Tomás de Aquino, são não só campos de estudo férteis para diversas pesquisas e aprofundamentos, mas também questões complexas que exigem dos pesquisadores seriedade e compromisso, para que se tenha uma formação humana integral de qualidade.

Para que este objetivo fosse alcançado com excelência, buscamos, primeiramente, tratar de quando surgiu na humanidade esta necessidade de buscar a Verdade. A seção **Sabedoria: Necessidade primária da alma humana**, ofereceu um panorama histórico sobre as interpelações existenciais do homem, desde que se tem relatos, e como constituiu a intelectualidade medieval, período que viveu o autor. À vista disso, fizemos uma exposição das contribuições do povo grego e hebreu para a formação do pensamento tomasiano, respectivamente a filosofia e a fé cristã.

Em seguida, foi tratado a temática **Verdade: Finalidade do homem**, assim adentramos na epistemologia tomasiana, através da explanação conceitual do que é entendido por Verdade. Compreendemos que, para ele, esta é uma dupla via entre perfeição do conhecimento e propriedade objetiva do ser, respectivamente, sintetizado nos termos lógica e ontológica. Neste caminho, demos ênfase a teleologia, como o norteamento de todo o arcabouço filosófico de Tomás de Aquino, relacionando à finalidade do homem, a qual é realizável, quando este contempla a Verdade.

Diante disso, averiguamos uma forma de concretizar na vida do homem, do século XXI, o que Tomás de Aquino formulou por volta de 800 anos antes. Para tal, apresentamos a proposta pedagógica do autor. Em **Educação: Caminho para a Verdade**, foi elaborada com o intuito de mostrar que o processo educacional é necessário para que o homem, cada vez mais, aproxime-se do conhecimento da Verdade, aquela que torna pleno de sentido sua existência. Além disso, mostramos que no percurso de aprender há também a arte de ensinar, que cabe exclusivamente ao professor. Este tem uma nobre e desafiadora tarefa de conduzir seu aluno no correto caminho, através do bom uso das suas disposições naturais.

Assim, este trabalho possibilitou um retorno ao pensamento tomasiano, tanto na sua teoria do conhecimento, quanto na proposta educacional. Propusemo-nos a esse intento, por considerar a contribuição de Tomás de Aquino para a formação humana integral de grande valia, seja para sua época, seja para a atualidade. A expectativa de fornecer para a pesquisa atual um retorno ao Aquinate não se justifica por padrões e perspectivas religiosas, já que o seu pensamento não se limita a apenas estes grupos. Ao contrário, por considerar que na sua filosofia há um bom ordenamento de ideais para pensar a educabilidade na contemporaneidade.

Outrossim, em sentido geral, a Verdade é o horizonte que norteia a vida do homem de todas as épocas, raças, línguas e culturas que, de maneira diversa, entra na realidade cotidiana da existência, tornando ato, a potencialidade natural no homem, recebida desde o início do seu existir. É a Verdade que ordena a moralidade, a educação, a política, o desenvolvimento da ciência, ou seja, todas as áreas que, em determinada medida, têm relação com a vida humana. Por isso, uma utilização desses meios afastada do fim último da realização do homem leva, gradualmente, a uma deturpação de quem ele é e da realidade do mundo como um todo.

Por fim, a pedagogia tomasiana, fundamentada na convicção que o aluno tem capacidade de compreender a si e ao mundo ao seu redor – sendo agente construtor de uma civilização que se preocupa com a valorização das qualidades mais próprias do homem, tais como a criatividade, o desejo do bem e da paz, a prudência, a sabedoria, poesia, música e as artes –, oferece a sociedade atual um olhar positivo com relação ao trabalho com a educação, compreendida, muitas vezes, como um peso ou uma mera obrigação imposta ao homem, que é definitivamente o contrário, é um elemento de elevação do homem, oferecendo uma vida mais plena e digna de direitos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. *De Magistro*. Tradução Leonardo Van Acker. In: MAYER, Mary Helen; FITZPATRICK, Edward A. (Orgs.) **Filosofia da Educação de Santo Tomás de Aquino**. Tradução Maria Ignez de Moraes Cardim. São Paulo: Odeon. 1935. p. 45-123.

_____. **Suma contra os gentios**. 2. ed. Tradução Odilão Moura. Campinas: Ecclesiae, 2017.

_____. **Verdade e conhecimento**. 2. ed. Tradução, estudos introdutórios e notas de Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARROS, José D' Assunção. **Papas, imperadores e hereges na Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. 3. ed. Tradução Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1970.

FILOSOFIA HELENÍSTICA. In: AUDI, Robert. **Dicionário de Filosofia de Cambridge**. Tradução João Paixão Netto e Edwino Aloysius Royer et al. São Paulo: Paulus, 2006. p. 387.

GARDEIL, Henri-Dominique. **Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino: Introdução, Lógica, Cosmologia**. v. 1. Tradução Cristiane Negreiros Abbud Ayoub e Carlos Eduardo de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino: Psicologia, Metafísica**. v. 2. Tradução _____. São Paulo: Paulus, 2013.

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. 3. ed. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MAYER, Mary Helen; FITZPATRICK, Edward A. **Filosofia da Educação de Santo Tomás de Aquino**. Tradução Maria Ignez de Moraes Cardim. São Paulo: Odeon. 1935.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. v. 1. São Paulo: Paulus, 1990.

SANTOS, Patrícia Aparecida Cesário dos; LOPES, Maria Inácia; PRADO, João Batista Ferraz do. Uma análise dos fundamentos da Filosofia da Educação de Santo Tomás de Aquino. **Revista De Magistro de Filosofia**, Anápolis, v. 5, n. 8, p. 1-18, mai. 2012. Disponível em: <<https://www.catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/05/Uma-An%C3%A1lise-dos-Fundamentos-da-Filosofia.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2021.

SPROVIERO, Mario Bruno. A verdade e a evidência – Estudo introdutório. In: AQUINO, Tomás de. **Verdade e conhecimento**. 2. ed. Tradução, estudos introdutórios e notas de Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes. 2011. p. 81-131.